

SAÚDE E AMBIENTE

V.9 • N.2 • 2023 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3798

ISSN Impresso: 2316-3313

DOI: 10.17564/2316-3798.2023v9n2p367-382



## ESTRATÉGIAS PARA REFLEXÃO E CONHECIMENTO COMPARTILHADO COM ADOLESCENTES SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

STRATEGIES FOR REFLECTION AN SHARED KNOWLEDGE WITH  
ADOLESCENTS ABOUT SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH

ESTRATEGIAS DE REFLEXIÓN Y CONOCIMIENTO COMPARTIDO  
CON ADOLESCENTES SOBRE SALUD SEXUAL Y REPRODUCTIVA

Herifrania Tourinho Aragão<sup>1</sup>  
Magna Kelly Barbosa dos Santos<sup>2</sup>  
Caline dos Santos Cavalcante<sup>3</sup>  
Jessy Tawanne Santana<sup>4</sup>  
Cláudia Moura de Melo<sup>5</sup>

## RESUMO

O objetivo foi relatar uma intervenção educativa em saúde voltada aos adolescentes da Rede Educacional Pública de Sergipe, a partir da realização de oficinas temáticas sobre saúde sexual e reprodutiva. Foram realizados três encontros sequenciais de oficinas temáticas por grupo, aos 250 adolescentes, para discutir Sexualidade, Infecções Sexualmente Transmissíveis, gravidez e Zika vírus. O estudo foi constituído em três etapas interrelacionadas: elaboração do projeto, execução e análise dos resultados obtidos. Observou-se que as intervenções por meio do lúdico e, posteriormente, discussão auxiliaram na difusão e troca do conhecimento, além de estimular a livre expressão e interação com seus pares e facilitadoras(es), refletindo na redução de anseios e tabus. Conclui-se a importância do lúdico para socialização e compartilhamento de saberes junto à comunidade, de forma interdisciplinar, saúde, educação e ambiente.

## PALAVRAS-CHAVE

Vulnerabilidades. Oficinas Temáticas. Adolescência. Sexualidade. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

## ABSTRACT

The objective was to report an educational intervention in health aimed at adolescents from the Sergipe Public Educational Network, based on thematic workshops on sexual and reproductive health. Three sequential meetings of thematic workshops were held per group, with 250 adolescents, to discuss Sexuality, Sexually Transmitted Infections, pregnancy and Zika virus. The study consisted of three interrelated stages: project design, execution and analysis of the results obtained. It was observed that interventions through play and, later, discussion helped in the dissemination and exchange of knowledge, in addition to stimulating free expression and interaction with peers and facilitators, reflecting on the reduction of anxieties and taboos. It concludes the importance of the ludic for socialization and sharing of knowledge with the community, in an interdisciplinary way, health, education and environment.

## KEYWORDS

Vulnerabilities. Thematic Workshops. Adolescence. Sexuality. Sexually Transmitted Infections.

## RESUMEN

El objetivo fue relatar una intervención educativa en salud dirigida a adolescentes de la Red Pública de Educación de Sergipe, a partir de talleres temáticos sobre salud sexual y reproductiva. Se realizaron tres encuentros secuenciales de talleres temáticos por grupo, con 250 adolescentes, para discutir sobre Sexualidad, Infecciones de Transmisión Sexual, embarazo y virus del Zika. El estudio se constituyó de tres etapas interrelacionadas: diseño del proyecto, ejecución y análisis de los resultados obtenidos. Se observó que las intervenciones a través del juego y, posteriormente, la discusión ayudó en la difusión e intercambio de conocimientos, además de estimular la libre expresión y la interacción con pares y facilitadores, reflexionando sobre la reducción de angustias y tabúes. Se concluye la importancia de la lúdica para la socialización y el intercambio de conocimientos con la comunidad, de forma interdisciplinaria, salud, educación y medio ambiente.

## PALABRAS CLAVE

Vulnerabilidades; Talleres Temáticos; Adolescencia; Sexualidad; Infecciones de Transmisión Sexual.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o início da puberdade, as(os) adolescentes vivenciam um turbilhão de mudanças físicas, fisiológicas e comportamentais, que sem orientação adequada, dificultam e pioram sua experiência aos novos desafios e no exercício seguro de sua sexualidade, tornando-as(os) vulneráveis a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) ou se tornarem mães(pais) sem planejamento familiar apropriado, que podem prejudicar sua saúde e o delineamento dos planos futuros (MARTINS *et al.*, 2011).

Além da problemática IST nas práticas sexuais, evidências científicas em 2016 trouxeram à tona a heterogeneidade da transmissão do vírus Zika por via sexual, transplacentária e perinatal, e não apenas do repasto sanguíneo (ARAGÃO *et al.*, 2016; CDC, 2021). Diante do cenário epidemiológico, autoridades sanitárias e médicas relataram a necessidade e recomendações de medidas preventivas e contraceptivas para minimizar a transmissão viral e à redução de lacunas na abordagem da educação sexual (OSTER *et al.*, 2016), principalmente às(aos) adolescentes que residem em locais de vulnerabilidade social e com fatores que dificultam a obtenção e uso dos métodos contraceptivos (BAUM *et al.*, 2016).

Entre os fatores para tais vulnerabilidades, elenca-se a carência de orientação sexual (COSTA *et al.*, 2016) e escassas políticas públicas de incentivo ao planejamento familiar no Brasil (PANTOJA *et al.*, 2007). Nesse contexto, a escola pode ser considerada um ambiente propício para trabalhar educação sexual, investindo em temáticas que retratam a prevenção da gravidez não planejada e IST (ARAGÃO *et al.*, 2019; ROSA *et al.*, 2020).

A temática de direitos reprodutivos da mulher, especialmente quanto à gravidez na adolescência, ganhou destaque no início de 2020, ao retirar as discussões de gênero e sexualidade das escolas, para o fortalecimento de uma educação sexual que priorize a abstinência sexual, com a inclusão do programa federal “Tudo tem seu tempo: adolescência primeiro, gravidez depois”.

Tal programa caracteriza-se de um movimento social e institucional conservador, sem respaldo científico e inadequado aos direitos reprodutivos da(o) adolescente, para reafirmar e disseminar valores sociais tradicionais que restringe o ambiente escolar ao ensino do português e matemática, apenas. Outras questões seriam, por direito, trabalhadas pelas famílias/responsáveis (GERVASONI; BENETTI, 2021). Entretanto, o meio familiar e informativo podem não possuir as informações necessárias para a construção da sexualidade.

Estudo intervencionista com 117 adolescentes em escola pública de Londrina, Paraná, evidenciou que apenas 28,2% dos indivíduos na pré-intervenção sabiam do período fértil da menina, a Aids como a IST mais citada (43,6%) e 71,8% desconheciam a localização do clitóris; após as oficinas de prevenção, o conhecimento sobre o período de fertilidade superou 55,8%, houve referência a outras infecções (41,1%) e 52,6% conheciam a localização do clitóris. Ao final, as(os) autoras(es) do estudo reforçam a necessidade e importância de trabalho sistemático, a médio e longo prazo, sobre sexualidade para as(os) adolescentes em ambiente escolar (CAMARGO; FERRARI, 2009).

Urge a importância e necessidade de que as(os) adolescentes aprofundem seus conhecimentos sobre sexualidade a partir de reflexões críticas, que levem em consideração que a(o) educando é um ser livre, de opiniões e participante deste processo, utilizando-se de métodos interativos e que despertem a curiosidade delas(es) no ensino-aprendizagem (FONTANA *et al.*, 2013). As oficinas peda-

gógicas têm se mostrado como uma alternativa para desenvolver estratégias educativas lúdicas que podem oferecer um espaço dialógico com as(os) adolescentes em ambiente escolar, ao estimular/facilitar a aprendizagem e, principalmente, tornar o conteúdo o mais atrativo e interativo para a socialização, partilha e obtenção de novos conhecimentos sobre a saúde sexual e reprodutiva (LACERDA *et al.*, 2017; ARAGÃO *et al.*, 2019; PELLÁ *et al.*, 2020; FERNANDES, 2021).

Diante do exposto, o estudo tem por objetivo relatar uma intervenção educativa em saúde voltada aos adolescentes da Rede Educacional Pública de Sergipe, a partir da realização de oficinas temáticas sobre saúde sexual e reprodutiva.

## 2 MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência, do tipo descritivo e caráter qualitativo de uma ação educativa e de promoção à saúde a adolescentes.

O presente relato de experiência foi vivenciado durante as práticas colaborativas da equipe do Núcleo de Educação Básica (NEB) na execução de projeto intitulado “Educação em saúde como estratégia de intervenção pedagógica acerca do zika vírus e sexualidade”. Em relação ao NEB, trata-se de uma equipe composta por graduandos e pesquisadores (docentes, mestres e doutores) de uma universidade particular da capital sergipana, juntamente com professores supervisores da Educação Básica do ensino fundamental e médio.

Foram selecionadas duas escolas da rede pública, em municípios distintos, no interior do Estado de Sergipe. Os espaços escolares foram selecionados por meio de parâmetros: a necessidade da abordagem Educação Sexual e Reprodutiva em área escolar afirmada por seus gestores e docentes, além de evidências nos dados epidemiológicos dos municípios em relação ao Índice de Infestação por *Aedes aegypti* (LIRAA – Levantamento Rápido de Índices para *Aedes aegypti*) e casos suspeitos e confirmados de Zika vírus e suas comorbidades nos municípios (SERGIPE, 2016 a, b).

Antes de iniciar as ações educativas, foi apresentada a proposta para a direção escolar. Após a autorização, foram selecionadas, em comum acordo, as turmas de cada ano de ensino, entre 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, por haver relação entre o nível educacional com a idade do adolescente, dos 10 a 18 anos, estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 1995), para dar início ao planejamento e os horários vagos disponibilizados.

Os critérios de elegibilidade estar matriculado regularmente, cursando entre o 8º ano do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio e em faixa etária citada anteriormente. Não foram incluídos adolescentes com algum distúrbio cognitivo grave relatado pelas(os) docentes das referidas escolas.

A projeto constituiu em três etapas interrelacionadas: elaboração do projeto, execução e análise dos resultados obtidos. A primeira etapa foi realizada nos meses de outubro a dezembro/2015 e constituiu na seleção do espaço escolar, na definição dos objetivos e na busca da literatura especializada na temática nas bases de dados eletrônicas Scielo – *Scientific Eletronic Library Online*, LILACS – *Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde* e BDEF – *Base de Dados Bibliográficas especializada na área de Enfermagem* para embasamento teórico das temáticas abordadas, seguido da construção dos materiais didáticos desenvolvi-

dos nas oficinas temáticas, tendo como eixo principal sexualidade, IST, gravidez planejada (focado nos métodos contraceptivos e mudanças hormonais na puberdade) e Zika vírus e comorbidades (Quadro 1).

A segunda etapa compreendeu a execução das atividades educativas lúdicas e foram distribuídas e executadas em três dias/encontros de oficinas temáticas semanais, em diferentes turnos, com no máximo 20 alunos em cada grupo formado de acordo com faixa etária e grau de ensino. Em cada encontro, as(os) facilitadoras(es) realizaram registro em diário dos principais questionamentos das(os) adolescentes referentes às discussões das temáticas. E a terceira etapa constitui na análise dos dados obtidos resultando na consolidação do projeto.

Durante a ação do estudo com os adolescentes foram considerados os preceitos éticos da Resolução nº 466/12.

**Quadro 1** – Caracterização das oficinas temáticas às(aos) adolescentes em relação ao objetivo e estratégia abordados em cada encontro sequencial

Encontros	Tema	Objetivo	Estratégia
1º	Riscos no Desenvolvimento da sexualidade - IST/Aids.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicar o que é DST e a nova sigla, IST;</li> <li>- Reconhecer as IST existentes e as vulnerabilidades da mulher e do homem para o acometimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confecção de álbum seriado;</li> <li>- Confecção de quadro sobre as vulnerabilidades em adquirir as IST;*</li> </ul>
2º	Riscos no Desenvolvimento da sexualidade – Gravidez não planejada.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a ação hormonal no ciclo menstrual e na ovulação, bem como a relação da gravidez.</li> <li>- Diferenciar métodos preventivos e contraceptivos e como utilizá-los;</li> <li>- Conhecer os métodos contraceptivos e os classificar segundo seus tipos (hormonal, barreira, natural, químico e definitivo);</li> <li>- Explicitar a forma correta de uso dos 16 métodos contraceptivos expostos na pesquisa, com ênfase no preservativo feminino e masculino;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confecção de maquete do ciclo menstrual;</li> <li>- Jogo educativo para reconhecer os métodos contraceptivos e identificar o tipo de método;</li> <li>- Atividade em grupo demonstrativa referente ao preservativo feminino e masculino;</li> </ul>
3º	A influência do Zika vírus na saúde sexual e reprodutiva.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Difundir aspectos relacionados da infecção humana pelo Zika vírus, seu vetor e sinais e sintomas;</li> <li>- Explicar a potencial relação da infecção Zika vírus nas práticas sexuais e reprodutivas;</li> <li>- Entender as causas e as implicações da microcefalia no período gestacional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exposição de filme educativo sobre o Zika vírus;</li> <li>- Jogo educativo sobre <i>Aedes aegypti</i>, focando no Zika vírus;**</li> <li>- Confecção de memes</li> </ul>

\*Dinâmica adaptada, Brasil (2011); \*\*As imagens utilizadas no quebra-cabeça e quadro das sintomatologias, peças do jogo *Aedes play*, foram extraídas da página do CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*) e FIOCRUZ, respectivamente

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram das oficinas 250 adolescentes que atenderam aos critérios de elegibilidade. As oficinas foram realizadas entre janeiro e abril/2016, em sala de aula, e tempo de duração 1:30h a 3:00h, a depender da temática, utilizando abordagem/estratégia lúdica da teoria e dialogada ao final das atividades, sendo estimulados a comparecerem às demais oficinas temáticas ao final de cada encontro.

Buscou-se nas oficinas abordar temas que envolvessem desde o conhecimento do corpo humano, em suas estruturas e desenvolvimento fisiológico, meios preventivos/contraceptivos à gestação e às IST, até às condutas preventivas ao Zika vírus e outras arboviroses transmitidas por *Aedes aegypti*. Apesar das discussões serem diferentes em cada encontro, elas se interligavam, favorecendo uma melhor compreensão e aprendizado às(aos) alunas(os).

### 3.1 DESENVOLVIMENTO DA OFICINA TEMÁTICA: RISCOS NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE - IST/AIDS E GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA

Durante a transição para a vida adulta, alguns adolescentes tendem a ter comportamentos sexuais de risco, múltiplos parceiros e práticas sexuais sem o uso consistente e regular de métodos contraceptivos e protetores de doenças, tornando-as(os) suscetíveis à gravidez e infecções (GÓMEZ-LUGO *et al.*, 2022; CASTRO *et al.*, 2023).

Estudo desenvolvido por Spinola (2020) destacou que o início da vida sexual no período da adolescência ocorre de forma mais precoce entre aqueles que se encontram desvinculados do sistema educacional ou que possuem baixa escolaridade. Dessa forma, o nível de instrução pode relacionar-se a ocorrência de gravidez na adolescência, de modo a refletir na evasão escolar e conseqüentemente gerar prejuízos na qualificação profissional, ocasionando uma dependência financeira do companheiro ou do núcleo familiar (MARANHÃO *et al.*, 2017; VICENTIM *et al.*, 2019).

Foram confeccionados três álbuns seriados para demonstrar e conscientizar as(os) adolescentes sobre os diferentes tipos de IST, de acordo com o agente etiológico, os tipos de transmissão, sintomatologia e os modos de prevenção. Neste momento da Oficina, foi explicada a razão para mudança na nomenclatura, de DST para IST, visto que muitos desconheciam. Por fim, foi construído um quadro com três eixos (“Sim”, “Não” e “Não Sei”) para correlacionar com situações, de acordo com a opinião das(os) adolescentes, que as(os) tornam vulneráveis a infecções variadas.

Durante as atividades citadas anteriormente, observou-se que os principais questionamentos das(os) adolescentes foram relacionados às formas de contaminação e os sinais e sintomas das infecções. Questões pertinentes foram levantadas por parte das(os) adolescentes, tais como: “beijo na boca passa IST?”. “no sexo oral precisa se fazer com camisinha?”, “corrimento é sintoma de uma IST?”, “a pílula anticoncepcional serve para prevenção das IST?”, “se surgir algum sintoma o que devo fazer?”, “posso ter Aids e não apresentar sintomas?”, além de mencionarem o desconhecimento de alguns tipos de IST ou surpresa e distanciamento com os sinais e sintomas, tornando-as(os) vulneráveis às infecções. Vale ressaltar que durante a aula dialogada da oficina, foi enfatizado pelas(os) facilitadoras(es) a importância do uso regular do preservativo nas práticas sexuais para prevenção das IST.

A não percepção do risco às IST pode ser reflexo do imaginário e estigma gerado pelo desconhecimento de muitos indivíduos sobre o tema (PELLÁ *et al.*, 2020). Estudo realizado em ambiente escolar com vinte e dois adolescentes sobre o conhecimento às IST evidenciou desconhecimento sobre a caracterização e agente causador das diversas infecções, sendo a mais referida a HIV/Aids, e incapazes de reconhecer os sintomas e formas de transmissão.

Além disso, associam o fato de a aparência saudável à suscetibilidade do indivíduo não estar infectado, elevando as chances de contraírem IST, ou considerando-se inatingíveis por não acreditarem na possibilidade de gravidez e infecções a partir da primeira relação sexual (ALMEIDA *et al.*, 2017), semelhante à compreensão das(os) adolescentes observadas durante a oficina do presente estudo. Ademais, situação que pode justificar a redução de 13,5% no uso de preservativos entre adolescentes com idade escolar (13 a 17 anos) nos últimos dez anos (de 59% em 2009 para 72,5% em 2019) (BRASIL, 2022).

Além disso, utilizou-se o momento para sanar dúvidas e desmistificar tabus relacionados à ejaculação e masturbação, como exemplo, “O preservativo retarda a ejaculação?”, “A masturbação, em excesso, poderia viciar ou gerar deformações nos órgãos genitais?” e entre outros, como a discussão sobre sexo e gênero. Notou-se que a maioria das(os) alunas(os) (70%) possuía escasso conhecimento sobre a distinção de sexualidade e sexo e das suas dimensões, exceto no campo biológico.

Tais implicações podem ser justificadas em estudo desenvolvido sobre educação sexual nas escolas, evidenciando que as(os) professoras(es) atribuem à obrigatoriedade de trabalhar a temática sexualidade e suas dimensões à disciplina de Biologia e, conseqüentemente, desconsideram a necessidade de discussão nos aspectos e influências históricas, sociais e culturais da sexualidade humana (RUFINO *et al.*, 2013; NOTHAFT *et al.*, 2014; ARAGÃO *et al.*, 2020).

No segundo dia de encontro, a oficina temática sobre *Riscos no Desenvolvimento da sexualidade* versou, de forma sequencial, a discussão sobre gravidez não planejada e métodos contraceptivos. Inicialmente, (as)os adolescentes participaram de um jogo educativo para reconhecer, por meio de imagens gráficas, os 12 tipos de métodos contraceptivos e na identificação do tipo de método (químico, barreira, natural, hormonal e cirúrgico). As placas em pares das imagens dos métodos contraceptivos foram colocadas no piso e, após serem encontradas por cada equipe, era necessário identificar o tipo de método que a correspondia. Em seguida, houve aula dialogada para correções e discussão da forma de uso, eficácia dos métodos, e sua disponibilidade no Sistema Único de Saúde (SUS), atentando sempre, de maneira sucinta e clara, a minimização de dúvidas.

Em seguida, as(os) adolescentes também foram convidados a confeccionar maquete representativa do ciclo menstrual com materiais artesanais (lã, cola, emborrachado com nomes hormonais e desenhos representativos, bola de isopor, entre outros) e gráficos para compreensão do mecanismo hormonal. Foi possível notar o interesse, atenção e participação efetiva das(os) adolescentes por meio de perguntas e curiosidades sobre os diversos métodos contraceptivos e forma de utilização, sobre o funcionamento hormonal.

Durante as atividades sobre contracepção, as falas das(os) adolescentes, principalmente das meninas, foram sobre o uso constante ou de alta dosagem da pílula do dia seguinte após prática sexual desprotegida, por acreditar não haver falhas como método contraceptivo, além de sofrer coação pelo

parceiro para uso. Ressalta-se a existência de tabus e receios entre as(os) adolescentes, especialmente entre as meninas, ao manusear o preservativo feminino e masculino, além do desconhecimento sobre o uso correto. Em determinado momento, duas adolescentes solicitaram a apresentação dos preservativos em local reservado devido a questões religiosas e constrangimento frente às(aos) demais colegas.

Apesar do avanço nos direitos femininos semelhantes aos masculinos, muitas ainda levam consigo, seja consciente ou inconscientemente, tabus e conceitos estruturais definidos pela sociedade/ou religião, especialmente no âmbito sexual, que prejudicam o acesso a informações e ao uso ou solicitação do preservativo (OLIVEIRA; WIEZORKIEWICZ, 2010). Apesar das mulheres desejarem o uso do preservativo em relações sexuais, a tomada de decisão acaba atribuída ao parceiro, pelo medo de desagradar, perder o parceiro ou transmitir a imagem de “serem experientes”, levando-as a um contexto de vulnerabilidades a infecções e gravidez por falta de diálogo e crenças (RIBEIRO *et al.*, 2011).

Estudo realizado com adolescentes em escolas situadas em Sergipe/BR mostrou que no período pré-intervenção durante as oficinas temáticas, as(os) adolescentes tinham um maior conhecimento sobre o preservativo masculino, em relação ao preservativo feminino, pílula convencional e a pílula do dia seguinte, porém é insuficiente no tocante aos demais métodos. Tal situação revela a vulnerabilidade das(os) adolescentes aos riscos inerentes durante a prática sexual. Entretanto, após a participação delas(es) nas oficinas educativas, notou-se melhora no conhecimento de outros contraceptivos, porém o preservativo, permaneceu como o mais citado (ARAGÃO *et al.*, 2019), corroborando com os achados de outro estudo intervencionista com adolescentes (BECHARA *et al.*, 2013).

É possível que a difusão de informações pelos veículos sociais de comunicação não esteja alcançando o grupo populacional de adolescentes de forma efetiva. Essa situação mostra-se preocupante por ser a faixa etária que apresenta a maior taxa de incidência de IST e gravidez, no qual, emerge a importância de reforçar e repensar em novos métodos sobre a orientação sexual na escola e a conduta de pesquisar e intervir enquanto metodologia, para atender as diversas formas de comunicação e permitir a compreensão das diferentes realidades das(os) adolescentes (BRÊTAS *et al.*, 2009). Estudos com adolescentes mostram o quanto as metodologias ativas, por meio de oficinas, têm impacto positivo no conhecimento sobre os riscos nas práticas sexuais (CAMARGO; FERRARI, 2009; KEMIGISHA *et al.*, 2019).

Vale ressaltar que nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a temática sexualidade é de proposta transversal, para ser contemplada na sua complexidade, sem restringi-la à abordagem de uma única disciplina (BRASIL, 1997). A dificuldade de implementação pode ser devido à dada organização curricular historicamente construída sob uma ótica conservadora, biomédica e cis-heteronormativa que intensificam condutas discriminatórias e de desigualdade entre as(os) estudantes, que em muitos dos casos são oprimidos quanto à expressão da sua identidade de gênero (OLIVEIRA *et al.*, 2021). Para mudança desse paradigma, faz necessário um compromisso de todas(os) as(os) profissionais do colegiado escolar, juntamente com outras(os) profissionais que possam contribuir para o diálogo, com o intuito de planejar e desenvolver ações de promoção à saúde sexual e reprodutiva nas escolas (MARINHO *et al.*, 2015).



### 3.2 DESENVOLVIMENTO DA OFICINA TEMÁTICA: A INFLUÊNCIA DO ZIKA VÍRUS NA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Como estratégia de ensino-aprendizagem, inicialmente, foi introduzido na oficina um vídeo educativo intitulado “Como o Zika chegou ao Brasil” produzido pelo Ministério da Saúde, como forma de apresentar o que seria discutido na oficina e perceber o nível de conhecimento e curiosidade deles sobre o assunto. Em seguida, as(os) facilitadoras(es) convidaram as(os) adolescentes a formarem três grupos para participar do jogo de tabuleiro sobre o *Aedes aegypti* e as doenças transmitidas, focando no Zika vírus.

O tabuleiro continha trinta casas, distribuídas em casas para envelopes de pergunta/roleta, nome das doenças transmitidas pelo *Aedes* para correlacionar os sinais e sintomas, acesso aos possíveis criadouros para realizar ações e as que dão direito a peças do quebra-cabeça sobre prevenção e sintomas do Zika vírus. Em relação aos cenários, havia o do cemitério, o do hospital e ambientes de criadouros do mosquito. Ao final, foi disponibilizado o vídeo “Mais direitos e Menos Zika” do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), para a conscientização dos direitos reprodutivos e sexuais no contexto do Zika vírus.

Diante da atividade do jogo de tabuleiro, notou-se curiosidade das(os) adolescentes para com as novas informações e desconhecimento sobre sinais e sintomas das arboviroses, e a heterogeneidade da transmissão do Zika vírus que, conseqüentemente, não relacionava a importância de métodos contraceptivos, especialmente o preservativo, para prevenção. Também se notava a utilização sucessiva do termo “o mosquito da dengue” para denominar o vetor *Aedes aegypti*. O jogo de tabuleiro tem sido bastante usado para o ensino-aprendizagem das arboviroses, devido à maneira criativa e lúdica de proporcionar o aprendizado e ao aumento significativo nas respostas corretas sobre a temática (BARBOSA *et al.*, 2010; BEINNER *et al.*, 2015).

Durante a pandemia do Zika vírus, a escola ganhou destaque como papel transformador social e de mobilização quanto à formação de indivíduos capazes de modificar realidades, e de colaborar para o combate do mosquito *Aedes Aegypti* na construção de medidas alternativas, em especial seus criadouros, e de orientação à população em geral, sendo descrita no documento intitulado Pacto da Educação Brasileira contra o Zika (BRASIL, 2016).

Outro marco consolidado em ação foi à campanha “Mais Direitos, Menos Zika” criada pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), cujo objetivo foi de engajar principalmente as(os) jovens, adolescentes e mulheres, para a realização de ações de mobilização comunitária e vigilância em saúde, com vistas a mitigar os impactos da epidemia de Zika e seus desdobramentos para o exercício dos direitos reprodutivos, promovendo o acesso a informações, insumos e serviços de qualidade, visando a diminuir os riscos de infecção e comorbidades associados ao vírus (ONU, 2016).

De forma a encerrar as atividades de maneira divertida, as(os) facilitadoras(es) estimularam as(os) adolescentes a participar de um Campeonato de memes para divulgação em rede social, *Facebook*. Qualquer aspecto da comunicação e interação contemporânea passa obrigatoriamente pela consideração das mudanças acarretadas pelo advento das novas tecnologias de informação e comunicação, visto que as redes sociais é um dos principais meios de acesso à informação para as(os) brasileiras(os) e bastante utilizadas nos cenários de informação à saúde sobre o Zika vírus pelo seu engajamento (BARRETO *et al.*, 2020).

Foi solicitado a formação de grupos para confecção de memes referentes às formas de transmissão e prevenção ao *Aedes aegypti*, com enfoque no Zika vírus. Após o recolhimento do material, as(os) facilitadoras(es) fizeram a avaliação baseada na forma/conteúdo, totalizando em 31 memes, divulgados na página do Facebook do grupo NEB. A adoção dessa estratégia foi para possibilitar a difusão e engajamento do conhecimento pelas mídias sociais, que totalizou em 2.043 curtidas e 26.271 compartilhamentos. A figura 1 mostra alguns *prints* de memes produzidos pelas(os) adolescentes das duas escolas pela plataforma “Gerar Memes” (Gerador de Memes Online - [www.gerarmemes.com.br](http://www.gerarmemes.com.br)), de caráter gratuito e *on-line*.

**Figura 1** – *Prints* dos memes confeccionados pelas(os) adolescentes na oficina temática sobre o *Aedes aegypti*, com enfoque ao Zika vírus



Fonte: Dados da Pesquisa.

Ainda é escassa a participação de adolescentes em projetos de promoção à saúde sexual e reprodutiva. Estudo com adolescentes em Porto Alegre/RS sobre o acesso aos programas de educação sexual evidenciou que grande parte das(os) adolescentes não tem conhecimento de existir programas/oficinas de promoção e prevenção a infecções e gravidez e sexualidade na escola e no município, porém elas(eles) gostariam de aprender sobre tais temáticas (ROLIM *et al.*, 2016). Fato que demonstra a escassa abordagem da educação em saúde por gestoras(es) de ensino e saúde para as(os) adolescentes de acordo com as necessidades e realidade epidemiológica local.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os subsídios para prevenção proporcionados pelas oficinas mostraram o escasso conhecimento que a grande maioria das(os) adolescentes têm em relação às IST, incluindo o Zika vírus, e os métodos contraceptivos.

Nota-se que as oficinas, por meio do lúdico e discussão, além de auxiliarem na difusão do conhecimento, permitiram às(aos) adolescentes a livre expressão e interação com as(os) facilitadoras(es) do NEB e seus pares sobre atitudes frente à sexualidade e condutas nas práticas sexuais, possibilitando a adquirir novos conhecimentos e reflexões que auxiliarão na tomada de decisões nessa fase da vida. Observou-se, também, que essa ação contribuiu para a formação em contexto acadêmico de futuros profissionais do cuidado e ensino do NEB, deslocando as intervenções para uma ação coletiva no âmbito da prevenção e promoção em saúde, entendendo as diversidades de expressões da sexualidade e suas vulnerabilidades.

Ressalta-se que a metodologia aplicada não assegura mudanças de comportamentos de risco e seu efeito a longo-prazo no conhecimento. Porém, suscita a necessidade de ações nas comunidades, com foco nas famílias e redes de relações afetivo-sexuais, para uma abordagem mais eficaz na redução dos riscos a infecções, gravidez não planejada e morbidades ocasionadas por arboviroses, especialmente *Aedes aegypti*, justamente por residirem em áreas de renda média/baixa que podem ser fatores que impliquem ao acesso a conteúdo informativos e confiáveis.

### AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Apoio à Pesquisa e a Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC) pelo apoio financeiro (Edital CAPES/FAPITEC n. 05/2014 Núcleo de CTI na Educação Básica).

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. A. S. *et al.* Conhecimento de Adolescentes relacionados à doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Rev Bras Enferm**, v. 70, n. 5, p. 1087-1094, 2017.

ARAGÃO, H. T. *et al.* Educação sexual e sexualidade de adolescentes: práticas pedagógicas em tempos de zika vírus. **Théma et Scientia**, v. 10, n. 1, p. 61-78, 2020.

ARAGÃO, H. T. *et al.* Conhecimento sobre Zika vírus e métodos contraceptivos: Ensaio randomizado com adolescentes no Nordeste brasileiro. Aracaju-(SE). **Rev Adolesc Saúde**, v. 16, n. 1, p. 21-32, 2019.

ARAGÃO, M. F. V. *et al.* Clinical features and neuroimaging (CT and MRI) findings in presumed Zika vírus related congenital infection ad microcephaly: retrospective case series study. **BMJ**, v. 353, n. i1901, p. 1-10, 2016.

BARBOSA, S. M. *et al.* Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Rev Eletr Enferm**, v. 12, n. 2, p. 337-341, 2010.

BARRETO, P. S. *et al.* Zika e microcefalia no Facebook da Fiocruz: a busca pelo diálogo com a população e a ação contra os boatos sobre a epidemia. **Rev Eletr Comun Inform Inov Saúde**, v. 14, n. 1, p. 18-33, 2020.

BAUM, P. *et al.* Garantindo uma resposta do setor de saúde com foco nos direitos das mulheres afetadas pelo vírus Zika. Rio de Janeiro: **Cad Saúde Públ**, v. 32, n. 5, p. 1-4, 2016.

BECHARA, A M. D. *et al.* Na brincadeira a gente foi aprendendo: promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. **Rev Eletr Enferm**, v. 15, n. 1, p. 25-33, 2013.

BEINNER, M. A. *et al.* O uso de jogo de tabuleiro na educação em saúde sobre dengue em escola pública. **Rev Enferm UFPE**, v. 9, n. 4, p. 7304-7313, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: metodologias. Saúde e prevenção nas escolas**, v. 3. Série B. Textos básicos de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; b, 2011. p. 40.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Pacto da educação contra o zika**. 2016. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/2016/Fevereiro/PactodaEducacaocontraoZika.pdf>. Acesso em: 2 mai 2022

BRASIL. PeNSE. **IBGE divulga uma década de informações sobre a saúde dos escolares (2009-2019)**. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34340-ibge-divulga-uma-decada-de-informacoes-sobre-a-saude-dos-escolares>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis para prevenção. **Acta Paulista Enferm**, v. 22, n. 6, p. 786-792, 2009.

CASTRO, L. *et al.* Prevalência e fatores associados à iniciação sexual em adolescentes escolares do Piauí, 2015. **Epidemiol Serv Saúde**, v. 32, n. 1, p. 35-52, 2023.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciêñ Saúde Col**, v. 14, n. 3, p. 937-946, 2009.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Zika - Prevention and Transmission**. 2021. Disponível em: <https://www.cdc.gov/zika/prevention/index.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.

COSTA, G. P. O. *et al.* Knowledge, attitudes and practices on contraception for teens. **J Res Fundam Care Online**, v. 8, n. 1, p. 3597-3608, 2016.

FERNANDES, C. J. S. C. A gamificação como estratégia para iniciativas de educação em saúde sexual e reprodutiva voltadas para juventude: Apresentação de um jogo virtual sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Assoc Bras Ens Biol-SBEnBIO**, v. 14, n. 1, p. 251-271, 2021.

FONTANA, R. T. *et al.* A educação em saúde como estratégia para a sexualidade saudável. **J Res Fundam Care Online**, v. 5, n. 4, p. 529-536, 2013.

GERVASONI, T.; BENETTI, D. Os direitos reprodutivos na adolescência: Uma análise acerca da lei do planejamento familiar frente à campanha “Adolescência primeiro, gravidez depois – Tudo tem seu tempo”. **Rev Vert Direito**, v. 8, n. 2, p. 26-55, 2021.

GÓMEZ-LUGO, M. *et al.* Effects of a sexual risk-reduction intervention for teenagers: a cluster-randomized control trial. **AIDS Behav.**, v. 26, n. 7, p. 2446-2458, 2022.

KEMIGISHA, E. *et al.* Evaluation of a school based comprehensive sexuality education program among very Young adolescents in rural Uganda. **BMC Publ Health**, v. 19, n. 1393, p. 2-11, 2019.

LACERDA, E. D. *et al.* Gravidez na adolescência – ações lúdicas no ensino médio: relato de experiência do projeto de extensão. **Ciêñ Cuid Saúde**, v. 16, n. 2, p. 1-7, 2017.

MARANHÃO, T. A. *et al.* Repercussão da iniciação sexual na vida sexual e reprodutiva de jovens de capital do Nordeste brasileiro. **Ciêñ Saúde Col**, v. 22, n. 12, p. 4083-4094, 2017.

MARINHO, J. C. B. *et al.* A educação em saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **Hist Ciêñ Saúde – Manguinhos**, v. 22, n. 2, p. 429-443, 2015.

MARTINS, C. B. G. *et al.* Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Rev Reme**, v. 15, n. 4, p. 573-578, 2011.

NOTHAFT, S. C. S. *et al.* Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Rev Min Enferm**, v. 18, n. 2, p. 284- 289, 2014.

OLIVEIRA, J. C. P.; WIEZORKIEWICZ, A. M. O conhecimento das mulheres sobre o uso do preservativo feminino. **Ágora**, v. 17, n. 1, p. 79-84, 2010.

OLIVEIRA, P. M. *et al.* Gênero, sexualidade e educação médica: vivências em uma escola federal que utiliza metodologias ativas de aprendizagem. **Rev Bras Educ Méd**, v. 45, n. 4, p. e227, 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Mais Direitos, Menos Zika**. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/campanha/mais-direitos-menos-zika/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

OSTER, A. M. *et al.* Interim Guidelines for Prevention of Sexual Transmission of Zika Virus – United States, 2016. **MMWR-Morbid Mortal W**, v. 65, n. 5, p. 120-121, 2016.

PANTOJA, F. C. *et al.* Adolescentes grávidas: vivências de uma nova realidade. **Psicol Ciên Prof**, v. 27, n. 3, p. 510-521, 2007.

PELLÁ, M. L. *et al.* Barraca do tinder: um relato de experiência sobre a prevenção às IST/HIV junto ao público universitário. **Aletheia**, v. 53, n. 2, p. 130-141, 2020.

RIBEIRO, K. C. S. *et al.* Querer é poder? A ausência do uso de preservativo nos relatos de mulheres jovens. **J Bras Doen Sexualm Transm**, v. 23, n. 2, p. 84-89, 2011.

ROLIM, S. R. *et al.* Conhecimento a acesso aos programas de educação sexual e prevenção da Aids: um estudo com adolescentes escolares. **Aletheia**, v. 49, n. 2, p. 110-121, 2016.

ROSA, L. M. *et al.* Promoção da saúde na escola: prevenção da gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis. **Braz J Health Rev** v. 3, n. 1, p. 706-716, 2020.

RUFINO, C. B. *et al.* Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Rev Eletr Enferm**, v. 15, n. 4, p. 983-991, 2013.

SERGIPE. Secretaria de Estado de Saúde. Agência Sergipe de Notícia. **Endemias: Regional de Aracaju é orientada sobre arboviroses, esquistossomose, raiva e leishmaniose**. 2016a. Disponível em: <http://saude.se.gov.br/index.php/2016/08/02/endemias-regional-de-aracaju-e-orientada-sobre-arboviroses-esquistossomose-raiva-e-leishmaniose/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

SERGIPE. Secretaria de Estado de Saúde. **Informe Epidemiológico nº 34 – Até a semana epidemiológica 29 (17/07 a 23/07/2016)**. 2016b. Disponível em: [http://saude.se.gov.br/wp-content/uploads/Informe-Semanal-34-micro-dengue-e-Zika\\_26.07.2016.pdf](http://saude.se.gov.br/wp-content/uploads/Informe-Semanal-34-micro-dengue-e-Zika_26.07.2016.pdf). Acesso em: 7 abr. 2020

SPINOLA, M. C. R. Fatores associados à iniciação sexual precoce de adolescentes em Santarém-PA. **Rev SANARE**, v. 19, n. 1, p. 36-47, 2020.

VICENTIM, A. L. *et al.* Perfil de gestantes adolescentes atendidas pela atenção primária à saúde. **Enferm Brasil**, v. 18, n. 2, p. 201-212, 2019.

WHO. World Health Organization. **La Salud de los Jóvenes: um reto y uma esperanza**. Geneva: WHO, 1995.

---

**Recebido em:** 6 de Outubro de 2022

**Avaliado em:** 15 de Julho de 2023

**Aceito em:** 9 de Setembro de 2023

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

---

1 Enfermeira, Doutora em Saúde e Ambiente. Centro Universitário Estácio de Sá, Aracaju, SE.  
E-mail: fanyaragao.89@gmail.com

2 Nutricionista. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. E-mail: magnalp16@gmail.com

3 Licenciada em Letras. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. E-mail: caline\_cavalcante\_@hotmail.com

4 Enfermeira. Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju, SE.  
E-mail: jessytsantana@gmail.com

5 Bióloga, Doutora em Parasitologia. Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju, SE. E-mail: claudiamouramelo@hotmail.com

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

